

A formação integral: um desafio pedagógico

4

Integral formation: a pedagogical challenge

*Rosa de Lourdes Aguilar Verástegui**

Resumo: A proposta deste trabalho é analisar as **Cartas sobre a educação estética do ser humano** (1791-1793) de Schiller. O objetivo desse filósofo é propor uma Educação harmonizadora que equilibre o ser humano. A experiência estética através da beleza moderará a vida, permitindo a passagem das sensações aos pensamentos, proporcionando a forma ao sensível, reconduzindo o conceito à intuição e a lei ao sentimento. A arte constrói com elementos extraídos do mundo sensível, outro mundo fecundo. A educação estética deve permitir experimentar aquele jogo de equilíbrio entre a razão e a sensibilidade tanto no caso do artista que cria, como naquele que percebe a arte. Na proposta de Schiller, a ética e a estética convergem porque a estética mantém o equilíbrio do indivíduo de tal maneira que, graças ao domínio “racional” das pulsões, além de aspirar a um estado estético o ser humano, pode chegar ao estado político, que é a garantia da autonomia. A arte nos ajuda a desejar uma formação integral e é um direito natura, seu domínio é do racional e do emotivo, capaz de preparar para a educação ética. A preocupação com educação equilibradora é um dos maiores desafios para o educador.

Palavras-chave: Educação. Estética. Ética.

Abstract: The purpose of this paper is to analyze the Letters on the Aesthetic Education of the Human Being (1791-1793) Schiller. The objective of this philosopher is to propose a harmonizing education that balances the human being. The aesthetic experience through the beauty moderate life, allowing the passage of the thoughts and feelings, giving shape to the sensitive, the concept led back to intuition and law to feeling. The art building with elements drawn from the sensible world, another world fruitful. The aesthetic

* Doutora em Educação. Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR – Brasil. *E-mail:* rosaguilar@hotmail.com

education must allow that game to try to balance reason and sensitivity both for the artist who creates like him who perceives the art. In the proposal for Schiller, ethics and aesthetics converge because the aesthetic maintains the balance of the individual so that, thanks to the field “rationale” of the drives in addition to aspire to an aesthetic state human being can get to the political state, which is the guarantee of autonomy. Art helps us to want a full training and is a natural right, your domain is the rational and the emotional, able to prepare for ethics education. The balancing concern with education is one of the biggest challenges for the educator.

Keywords: Education. Aesthetics. Ethics.

Introdução

Neste trabalho ressaltamos o papel formador da experiência estética na educação do indivíduo. Acreditamos que a relevância do tema radica na proposta interdisciplinar e equilibradora, que nos permite buscar em nossas práticas educativas tanto os fatores científicos, como estéticos e éticos. De tal maneira que uma proposta interdisciplinar, a partir da estética, permitirá restaurar a harmonia entre os conhecimentos.

Ao ressaltar a ligação entre estética e ciência, pretendemos observar que a ciência e a estética são disciplinas fundamentais para a formação do que denominamos “gosto”, alicerce que permite a formação ética do indivíduo. Vista dessa maneira, nossa proposta não pretende unicamente aprimorar e ampliar a visão de mundo dos pesquisadores, senão desenvolver o impulso lúdico, equilibrador, entre os indivíduos, visando à formação científica, à sensibilidade estética e ao compromisso ético.

Consideramos como nosso principal referencial teórico as *Cartas sobre a educação estética do ser humano (1791-1793)* de Friedrich Schiller, apresentando algumas reflexões e comentários a partir desta pesquisa bibliográfica.

Procurando atingir nossos objetivos, dividimos o trabalho da seguinte maneira: primeiro, apresentamos as cartas de Schiller; em segundo lugar tratamos do papel do lúdico na estética; em terceiro lugar, da educação ao gosto estético e, por último, da relação entre estética e ética.

Cartas sobre a educação estética de Schiller

Friedrich Schiller, autor das *Cartas sobre a educação estética do ser humano (1791-1793)*, ressalta a importância da educação estética para a formação do indivíduo. Para esse autor, a realidade está formada pelas condições materiais das quais o artista faz uso (tinta, papel, sons, técnicas, idioma, exercícios, regras, etc.) e a forma representa o espírito do artista, a intenção que o material expressa. O artista tem que ter as duas condições para expressar sua arte, sua mensagem.

Schiller concebe a beleza como ideal superior platônico, eterna e indivisível, que está num ponto de equilíbrio estático e “não se pode encontrar na realidade um efeito estético puro”, mas, essa beleza platônica tem um reflexo na obra de arte, nela se plasma e consegue uma realidade concreta. “A excelência de uma obra de arte apenas pode residir numa maior aproximação desse ideal de pureza estética.” Ele considera a beleza ideal como único referencial que guia a procura da beleza; mas esse autor valoriza a obra de arte real, porque “a beleza no plano da experiência será pelo contrário, eternamente dupla, porque numa oscilação pode ser perturbado o equilíbrio de duas maneiras.” (SCHILLER, 1993, p. 65).

Unicamente a obra de arte real consegue um equilíbrio particular a partir de um movimento, do esforço do artista para comunicar (a forma) a partir dos meios técnicos da arte (a matéria). Cada artista procura seu equilíbrio como uma experiência pessoal; isso enriquece o conceito de arte. A realidade nos permite ver que, para perceber a beleza, temos que ter em conta a época, o artista, a técnica, seu entorno, e saber que cada obra de arte é uma experiência única. A experiência artística é única e criativa, porque cada artista tem suas próprias condições materiais e sua própria mensagem.

Observamos que para Schiller a experiência estética faz confluir emoção e razão, reações culturalmente ricas, que agrupam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia. Os dois princípios opostos que se equilibram na experiência estética são, de um lado, a forma que expressa o sentimento, o subjetivo, e se manifesta de maneira espontânea e, de outro, a matéria que representa o racional, o objetivo, as regras, a técnica. “No caso do homem espiritual, a beleza da experiência estética o afasta da forma e o aproxima da matéria para equilibrá-lo.” (SCHILLER, 1993, p. 69).

Esse equilíbrio proposto pela estética é uma fusão cuidadosa de dois elementos que mobilizam o indivíduo: o sentimento e o entendimento.

De tal maneira que “não se note no todo qualquer traço de divisão”, e é necessária essa união para a “perfeita unidade”, denominada fusão cuidadosa, equilíbrio, que é próprio da experiência estética que lhe dá uma qualidade que vai além da interdisciplinaridade; ela é transdisciplinar porque permite integrar conhecimentos diluindo fronteiras.

O equilíbrio proposto por Schiller entre sentimento e entendimento é fundamental para poder chegar ao conceito de beleza, por isso:

Os filósofos que, não refletirem sobre este tema, se deixam cegamente dirigir pelo seu sentimento, não poderão chegar a um conceito de beleza, uma vez que não distinguem nenhum aspecto isolado no total da impressão sensível. Os outros, que tomam em exclusivo, o entendimento como guia, nunca poderão atingir um conceito da beleza, uma vez que no total da mesma nada mais discernem para além das partes, permanecendo para eles o espírito e a matéria eternamente separados, mesmo na sua mais perfeita unidade. (1993, p. 70, grifo nosso).

O conceito de beleza é alcançado graças a um equilíbrio entre o sentimento e o entendimento, entre a liberdade criativa e a razão reguladora. O exercício estético nos conduz ao que é ilimitado, ao ideal de beleza, a um ponto ideal, estático em equilíbrio perfeito, mas, assim como a ciência pretende aproximar-se da verdade platônica, assim a estética procura a beleza platônica perfeita. Unicamente o estado estético é um todo em si, que permite a nossa humanidade expressar-se com integridade, sem rupturas entre razão e sentimento. Schiller explica essa fusão da seguinte maneira:

Através da disposição estética do ânimo abre-se assim, a atividade própria da razão já no campo da sensibilidade, quebra-se o poder da sensação já dentro cede seus próprios limites, vendo-se o homem físico enobrecido a tal ponto que o homem espiritual apenas necessita de desenvolver-se a partir dele, de acordo com as leis da liberdade. (1993, p. 70, grifo nosso).

A estética, graças ao auxílio da razão, permite que o homem físico, aquele dominado pela experiência sensível, reflita enriquecendo suas sensações e saindo dos limites que elas lhe colocam. Esse homem consegue atingir o espiritual, integrando os sentimentos na sua experiência, mas, sem deixar-

se dominar por eles, encontrando um equilíbrio. A formação do indivíduo não pode deixar esse conceito de estética como equilíbrio, porque

se se pretende que o [indivíduo] seja capaz e este apto para elevar-se a partir do estreito círculo dos fins naturais, para fins racionais, nesse caso ele deverá já se ter exercitado *dentro dos primeiros*, tendo à vista os últimos, executando a sua determinação física com uma certa liberdade de espírito, i.e., de acordo com as leis da beleza. (SCHILLER, 1993, p. 79).

A arte é um caso privilegiado de razão e sensibilidade, tanto para o artista que cria obras concretas e singulares quanto para o apreciador que se entrega a elas para encontrar-lhes o sentido. O verdadeiro artista utiliza razão e intuição na expressão da sua arte. Ele vê, ou ouve, o que está por trás da aparência exterior do mundo. Para um artista um bloco de mármore deixa de ser uma pedra para ser um meio físico de expressar seus sentimentos. O artista atribui significados ao mundo por meio da sua obra. O espectador lê esses significados nela depositados, capta essa mensagem de razão e espiritualidade.

A arte moderna pode não despertar a beleza imediata, mas pode suscitar uma reflexão e valorizar o trabalho do artista. A obra de arte agrada as pessoas? A obra de arte deve despertar o desejo da compreensão de quem vê, o deslumbramento. O espectador não só deve ficar no deslumbramento, deve penetrar na intenção e no sentido do artista.

A transcendência da obra de arte é ressaltada por Schiller: podemos observar que a experiência artística nos permite uma experiência transdisciplinar. A experiência estética através da beleza moderará a vida, permitindo a passagem das sensações aos pensamentos e proporcionando a forma ao sensível, reconduzindo o conceito à intuição e a lei ao sentimento. Dessa experiência são favorecidos tanto o homem guiado pelas sensações, o homem físico, como aquele guiado pelos sentimentos, o espiritual. O papel da experiência estética, como meio equilibrador do indivíduo, integrador de ciência e beleza, é fundamental para a formação do indivíduo.

O papel do lúdico na estética de Schiller

Para Schiller, o ideal do homem é alcançar a beleza através do jogo de equilíbrio, em que o sensível e o racional se harmonizam. A atividade

estética ajuda o homem a realizar-se. A noção de jogo é fundamental na teoria estética de Schiller, de tal maneira que “nunca erraremos se buscarmos o ideal de beleza de um ser humano pela mesma via através da qual satisfazemos o nosso impulso lúdico”. (SCHILLER, 1993, p. 64). Tal impulso lúdico não é um instinto particular e puramente espontâneo, ele é uma síntese entre um impulso sentimental que estabelece a forma e uma força de ordem biológica que impõe o sensível. O lúdico se converte “num projeto de otimização da natureza humana por intervenção do artifício, um jogo sensível e reflexivo”. (SCHILLER, 1993, p. 20).

O lúdico em Schiller nos remete a seu conceito de liberdade. O impulso lúdico é o equilíbrio que o homem consegue quando se libera das limitações da sensibilidade e da razão, a partir de um salto dialético que supera essa oposição. De tal maneira que “o ser humano só joga quando realiza o significado da palavra homem, e só é um ser plenamente humano quando joga”. (SCHILLER, 1993, p. 64).

A experiência lúdica permite um salto qualitativo na experiência humana, que se converte numa manifestação formadora e transformadora que humaniza, e equilibra restaurando aquela harmonia perdida na divisão do trabalho e na especialização. Nesse sentido, o lúdico como experiência estética não é um meio didático, ele é um objetivo ao qual a formação do indivíduo deve aspirar.

O artista criador não é o único que experimenta o equilíbrio, o espectador ao interpretar a obra de arte também pode experimentá-lo, posto que está compartilhando com o artista essa experiência unificadora de razão e sentimentos. Esses dois âmbitos do humano coexistem, de tal maneira que,

quando domina o impulso formal, reina o princípio universal da espécie, impõem-se os juízos universais da ciência, as normas universais da humanidade. Já onde domina o impulso sensível (material), reina a inclinação subjetiva e variável, o sentimento particular e passageiro. (SCHILLER, 1963, p. 22).

Nenhum dos dois impulsos deve ultrapassar os limites; ao contrário, o ideal é manter os dois equilibrados para convertê-los em um terceiro impulso, o lúdico. A arte que se manifesta no lúdico harmoniza o imperativo categórico com a inclinação natural. A estética estabelece o elo entre a razão e a sensibilidade. O verdadeiro feito da arte demanda o humano jogo das

formas sensíveis e racionais, de tal maneira que “a beleza deve libertar o homem de dois erros e desvios – da brutalidade física do selvagem e da decadência requintada do bárbaro culto”. (SCHILLER, 1963, p. 22). Daí, a importância da educação estética para a formação dos indivíduos, para a educação. A educação estética deve permitir experimentar aquele jogo de equilíbrio entre a razão e a sensibilidade, tanto no caso do artista que cria como aquele que percebe a arte. A importância da estética na formação humana é que ela é o eixo que equilibra o homem dominado pela razão e também àquele dominado pelos sentimentos.

A educação do gosto estético

Buscamos a arte pelo prazer que ela nos causa e “tal prazer provém da vivência da harmonia descoberta entre as formas dinâmicas de nossos sentimentos e as formas do objeto estético”. (DUARTE, 2004, p. 60). Uma sinfonia, um quadro, um romance, todos são refúgios que nos dão prazer ou produzem emoção. No fundo, são os mesmos motivos que nos fazem assistir a um jogo de futebol. A diferença está nas emoções artísticas que são ricas e fecundas, o prazer e a evasão só são “alienações” num primeiro momento: transformando nossa sensibilidade, elas transformam também nossa relação com o mundo (COLI, 1988, p. 112), convertendo-se em experiências que enriquecem e nos integram ao mundo da arte.

A fruição da arte não é imediata, espontânea, um dom, uma graça; ela pressupõe um esforço diante da cultura. Assim, para que possamos desfrutar ao assistir um esporte, é necessário conhecer as regras desse jogo, do contrário, a emoção que transmite passará despercebida. Para experimentar, com maior prazer, a obra de arte temos que estar familiarizados com sua forma de expressão.

A compreensão da arte exige conhecer um conjunto de relações e de referências que o jogo estético possui e que evoluem com o tempo, envelhecem e transformam-se nas mãos de cada artista. “Tudo na arte é mutável e complexo, ambíguo e polissêmico. Com a arte não se podem apreender regras de apreciação. E a apreciação artística não se dá espontaneamente.” (COLI, 1988, p. 116). A arte não oferece regras únicas para conceber a beleza; com isso ela afasta os preconceitos, porque não tem como avaliar uma obra em função de outra. O contato com a arte tem que ser constante, para aperfeiçoar a compreensão da linguagem artística, porque cada expressão artística é única e o artista cria e recria sua linguagem continuamente.

O fato de uma grande obra ter sido consumida por um largo público significa apenas que ela possuía elementos capazes de seduzir um grande número de pessoas em um momento determinado. Isso nos diz que as linguagens artísticas mudam com o tempo e lugar.

Para poder vivenciar a arte temos que educar o que Schiller denomina: o gosto, que é indispensável para compreender a percepção e os juízos estéticos. Mas, para educar o gosto, a experiência estética deve comportar tanto os elementos subjetivos como os objetivos. Ter gosto é ter capacidade de julgamento sem preconceitos. A própria presença da obra de arte é que forma o gosto, isto é, transcende a percepção sensível, reprime as particularidades da subjetividade, converte o particular em universal. De tal maneira que

“gostar” ou “não gostar” não significa possuir uma “sensibilidade inata” ou ser capaz de uma “fruição espontânea” – significa uma reação do complexo de elementos culturais que estão dentro de nós diante do complexo cultural que está fora de nós, isto é a obra de arte. (COLI, 1988, p. 117).

O gosto é a capacidade de poder valorizar a obra, é perceber sua complexidade para além de todo saber e toda técnica através do contato com a obra de arte. A experiência estética é a experiência da presença tanto do objeto estético como do sujeito que o percebe. Os objetos artísticos encontram-se intimamente ligados aos contextos culturais: eles nutrem a cultura, mas também são nutridos por ela e só adquirem razão de ser nessa relação dialética, só podem ser apreendidos a partir dela. A cultura é fundamental na obra de arte porque “é constituída, em última análise, por elementos culturais mais profundamente necessários que os próprios elementos materiais”. (COLI, 1988, p. 118).

A educação do gosto deve contemplar que precisamos estar em harmonia com a razão e a sensibilidade, isto é, aquele que quer experimentar a beleza de uma obra de arte tem que ter, de um lado, a capacidade de apreciar a manifestação técnica da obra e, de outro, a suficiente sensibilidade para valorizar a intenção do artista num conjunto que se pode denominar: a beleza artística. À arte chega-se com disciplina e dedicação, tanto para ter a capacidade de expressar através de um artifício a beleza, como para poder captá-la e decifrá-la. O espectador não deve ficar num plano de observador

superficial, tem que valorizar a técnica e a sensibilidade do artista. Numa experiência estética, essas características não se separam, porque do contrário:

Escritores que tem mais espírito do que entendimento, e mais gosto do que ciência, tornam-se culpados deste engano com demasiada freqüência, e leitores mais habituados a sentir do que a pensar mostram-se demasiado prontos a perdoar-lhes. Em geral, é problemático dar ao gosto a sua formação plena antes de ser exercitado o entendimento, enquanto faculdade pura de pensar, e de se ter enriquecido a mente com conceitos. (SCHILLER, 1993, p. 115-116).

Schiller denomina de “espírito de superficialidade e frivolidade” aquele que se deixa dominar por sua intuição, o contrário também pode ocorrer àquele que só observa a técnica, as regras, os procedimentos e não é capaz de captar a sensibilidade do artista. De tal maneira que, “matéria sem forma é deserto [...]. Forma sem matéria, em contrapartida, é apenas a sombra de uma posse”. (SCHILLER, 1993, p. 116). O belo já produz o seu efeito na mera contemplação, o verdadeiro requer estudo. A estética equilibra as duas experiências sem separá-las, porque “o artista embora trabalhe unicamente para o agrado da contemplação, só pode conseguir o [equilíbrio] através de um estudo fatigante”. (SCHILLER, 1993, p. 117).

Se o gosto é uma capacidade, um critério, que se forma com cuidado e dedicação e, se é necessário que a educação desperte em nós essa sensibilidade, para perceber na obra de arte a técnica e o sentimento do artista, isso é valorizar o esforço do mesmo. Pode acontecer, como aponta Coli, “o que é grave nas ideias de ‘espontâneo’, de ‘sensibilidade inata’, é que elas impedem uma relação mais elaborada com a obra de arte, o esforço necessário para o contato mais rico com ela”. (COLI, 1988, p.120). Então, para conseguir dialogar com a obra de arte é necessário enriquecer esse contacto, e a formação do indivíduo deve permitir esse crescimento.

Educar o gosto é necessário para não nos privarmos, por exemplo, de experimentar uma música clássica, obra que comumente exige maior esforço para ser interpretada do que a música popular. Ambas alcançam a beleza, só que a clássica experimenta maiores recursos melódicos para nos agradar. Aprimorar o gosto através da educação é necessário para melhor captar as múltiplas manifestações da beleza.

A educação na arte propõe um caminho indispensável: o da convivência com as obras de arte. Precisamos aprender a perceber a ciência e a emoção juntas. A arte não pode jamais ser a conceituação abstrata do mundo. A arte é uma forma de percepção da realidade na medida em que cria formas sensíveis que interpretam o mundo, proporcionando um conhecimento multifacético.

O aprimoramento de nossa capacidade de percepção, de nosso gosto, se consegue mantendo contato com as obras de arte, porque “frequentar uma obra de arte é antes de tudo, um ato de interesse. Ouvir uma sinfonia é escutá-la e reescutá-la; olhar um quadro é examiná-lo, observá-lo, detalhá-lo”. (COLI, 1988, p.121). Tudo isso implica uma operação delicada que exige esforço e humildade: é como se estivéssemos diante de um enigma a ser decifrado. Em suma, educar nosso gosto exige conhecer a obra de arte com paciência e dedicação, tanto na chamada popular como na erudita, sem preconceitos. Um dos principais desafios da educação não é definir o que é a arte, é saber como nos aproximamos dela. (COLI, 1988).

A relação entre a estética e a ética como parte da dignidade humana

Já desde a proposta aristotélica de educação do indivíduo ressalta-se a importância da música na formação do indivíduo, sobretudo na sua formação moral, porque: “a música tem um o poder de produzir um certo efeito moral na alma, e se ela tem esse poder, é obvio que os jovens devem ser encaminhados para a música e educados nela”. (ARISTÓTELES, 1997, 1340b).

Na educação estética de Schiller, a ética e a estética convergem porque a estética mantém o equilíbrio do indivíduo de tal maneira que, graças ao domínio “racional” das pulsões, além de aspirar a um estado estético, o ser humano pode chegar ao estado político, que é a garantia da autonomia. (SCHILLER, 1993). Esse filósofo pretende ligar os três estados, o da razão, o da estética e o da ética.

A formação integradora permite o maior desenvolvimento das capacidades intelectuais, de tal maneira que fique protegida a dignidade do indivíduo. E essa é uma das tarefas mais difícil que um educador tem que fazer. Em nossa proposta de uma formação do indivíduo que permita a sua integração, a filosofia ajuda a cumprir essa tarefa interdisciplinar e transdisciplinar. O homem com gosto estético educado “submete à razão o seu impulso de prazer e consente em deixar determinar os objetos de seus apetites pelo espírito pensante”. (SCHILLER, 1993, p. 118). Essa sublimação

dos instintos ajuda a lapidar o homem, a equilibrá-lo, mas essa formação do humano não se realiza imediatamente, é um processo contínuo, porque

quanto mais vezes se renova portanto o caso em que o juízo moral e estético, o sentimento ético e o sentimento de beleza convergem no mesmo objeto e se encontram na mesma sentença, tanto mais se vê a razão inclinada a tomar por seu um impulso tão espiritualizado e a ceder-lhe enfim o leme da vontade com plenos e ilimitados poderes. (SCHILLER, 1993, p. 119).

A arte tem a função que poderíamos chamar de formação complexa, que nos ajuda a desejar uma formação integral. Seu domínio é do racional e do emotivo: domínio sem fronteiras nítidas. Domínio fecundo, pois o contato com a arte nos transforma.

Considerações finais

A educação estética cumpre um papel fundamental na formação dos indivíduos, é um eixo integrador entre conhecimentos. Acreditamos que a formação do indivíduo implica uma atividade profundamente inter e transdisciplinar, porque ela é formadora e equilibradora de saberes.

Esta reflexão sobre a estética recoloca a questão das interações entre as esferas estética, científica e ética. Pelo anteriormente exposto, esperamos incentivar trabalhos interdisciplinares que considerem a estética como fator unificador, porque ela integra a razão e os sentimentos e, ademais, cumpre um papel muito importante em nossa formação ética.

Acreditamos que a formação integradora do indivíduo, com a complexidade da cultura, faz parte da preservação da dignidade humana, e constitui um dos maiores desafios que o educador enfrenta.

Referências

- ARISTÓTELES. *A Política*. Trad. de Mario de Gama Kury. Brasília: UnB, 1997.
- COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *Por que arte-educação?* São Paulo: Papirus, 2004.
- SCHILLER, Friedrich. *Sobre a educação estética do ser humano numa serie de cartas e outros textos*. Lisboa: Imprensa Nacional casa da Moeda, 1993.
- _____. *Sobre a educação estética da humanidade*. São Paulo: Herder, 1963.

Artigo recebido em 7 de abril de 2012 e aprovado em 17 de junho de 2012.